

Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas do centenário da UNIA

Danilo Rabelo
(CEPAE-UFG. Goiânia.Br)

Resumo

Este ensaio realiza um balanço historiográfico das ações e ideias de Marcus Garvey e pretende apreender como as ações, ideias e as imagens de Garvey foram e são percebidas, bem como sua influência sobre as lideranças afrodescendentes da Diáspora, especialmente entre os grupos rastafáris. No contexto das comemorações do centenário da UNIA (Associação Universal para o Desenvolvimento Negro), fundada por Garvey, em 1914, o texto também aborda questões e conceitos como Raça, Nacionalismo Negro, Fundamentalismo Africano, Repatriação Africana, Relações de Gênero e Participação Feminina, Religiosidade, Carisma e Poder de Marcus Garvey, e por fim, a relação entre Garvey, o Garveyismo e o Movimento Rastafári.

Palavras-chave: Marcus Garvey, Universal Negro Improvement Association, Garveyismo.

Artigo recebido em novembro de 2012 e aprovado para publicação em dezembro de 2012

Revista Brasileira do Caribe, São Luis-MA, Brasil, Vol. XIII, nº26, Jan-Jun 2013, p. 495-541

Resumen

Este ensayo realiza un balance historiográfico de las acciones e ideas de Marcus Garvey y pretende mostrar como las ideas y las imágenes de Garvey fueron y son percibidas, así como su influencia sobre los líderes afro descendientes de la Diáspora, especialmente entre los grupos rastafaris.

En el contexto de las conmemoraciones del centenario de la UNIA (Asociación Universal para el Desarrollo del Negro), fundada por Garvey, en 1914, el texto también aborda cuestiones y conceptos como Raza, Nacionalismo Negro, Fundamentalismo Africano, Repatriación Africana, Relaciones de Género y Participación Femenina, Religiosidad, Carisma y Poder de Marcus Garvey, y por fin, la relación entre Garvey, el Garveyismo y el Movimiento Rastafári.

Palavras claves: Marcus Garvey, Universal Negro Improvement Association, Garveyismo.

Abstract

This paper makes a historiographical balance of actions and ideas of Marcus Garvey and is focused on how actions, ideas and images of Garvey were and are perceived, as well as their influence on the leaders of African descent in the Diaspora, especially among Rastafarians groups. In the context of the centennial celebrations of the UNIA (Universal Association for Development Negro), founded by Garvey in 1914, the text also addresses issues and concepts such as Race, Black Nationalism, Fundamentalism African, African Repatriation, Gender Relations and Women's Participation, religiosity, Charisma and Power of Marcus Garvey, and finally, the relationship between Garvey, Garveyism and the Rastafari Movement.

Keywords: Marcus Garvey, Universal Negro Improvement Association, Garveyism.

Introdução a Marcus Garvey

Comunicador, empresário e ativista, Marcus Mosiah Garvey nasceu no dia 17 de agosto de 1887, na cidade de Saint Ann's Bay, Jamaica, filho de um casal de camponeses afrodescendentes. Para conseguir maiores recursos para sua militância política, Garvey deixou a Jamaica, em 1911, e realizou uma série de viagens (Costa Rica, Panamá, Equador, Nicarágua, Honduras, Colômbia e Venezuela), tomando consciência da discriminação que os trabalhadores afrodescendentes sofriam. No ano seguinte, Garvey viajou para Londres para estudar sobre as condições dos afrodescendentes em outras partes do Império Britânico, onde passou a se interessar pela África, sua cultura e sua administração sob o domínio colonial, absorvendo muito do nacionalismo africano que caracterizaria suas atividades posteriores. De volta à Jamaica, em 1914, Garvey fundou uma organização para a luta dos direitos civis dos afrodescendentes, a UNIA, para “juntar as pessoas da raça” (Cronon, 1969, p. 16).

Para expandir a UNIA, Garvey chegou ao Harlem, Nova York, em 1916. No ano seguinte, a UNIA de Nova York já era uma pequena organização com afrodescendentes católicos, muitos deles imigrantes das Índias Ocidentais. Em 1920, o número de filiais da UNIA cresceu para mil e cem, em mais de quarenta países. A maioria delas estava espalhada pelos EUA. Outras estavam localizadas no Caribe, especialmente em Cuba, bem como na Costa Rica, Equador, Venezuela, Gana, Serra Leoa, Libéria e África do Sul. Garvey acreditava que o homem negro deveria ser independente financeiramente do homem branco, ter seus próprios negócios. Para tanto, ele criou uma empresa de barcos a vapor para transportar passageiros e mercadorias pelo Atlântico rumo ao Caribe e à África Ocidental, cujo nome era *Black Star Line, Incorporation*. Muitos afirmavam que a nova empresa serviria apenas para levar os associados da UNIA de

volta para a África. As primeiras dificuldades que Garvey começou a enfrentar se relacionavam com os inúmeros processos judiciais contra ele por causa de seu jornalismo virulento.

Quanto aos negócios, os navios comprados começaram a apresentar problemas em suas viagens, tornando-as dispendiosas e pouco lucrativas por causa dos inúmeros reparos. As finanças da Black Star Line, Inc. iam de mal a pior por causa da má administração e da inexperiência de seus executivos. Logo, a empresa estava à beira da falência. Garvey começou a enviar prospectos pelo correio, noticiando a venda de novas ações da empresa. Essa iniciativa custou a Garvey e aos executivos da Black Star Line, Inc. um processo judicial por uso fraudulento dos Correios, a falência da empresa e a condenação de Garvey a cinco anos de prisão. Após cumprir pena de dois anos ele foi deportado de EUA como estrangeiro indesejável. O Garveyismo e a UNIA, após 1927, não apresentaria o mesmo impacto e nem atrairiam multidões de associados, porém, seu líder continuou lutando incansavelmente por seus ideais de libertação e orgulho racial. Ele permaneceu na Jamaica até 1935, quando emigrou para Londres, vindo a falecer ali em 10 de junho de 1940 (Rabelo, 2005; Grant, 2008).

Raça, Nacionalismo Negro e Fundamentalismo Africano

As ideias de Marcus Garvey são reunidas sob o rótulo de Garveyismo que, por sua vez, é frequentemente definido como um movimento social e/ou uma doutrina pan-africanista, anticolonialista, ou de nacionalismo negro destinada ao progresso, autoconhecimento, auto-respeito e orgulho racial das populações africanas e afrodescendentes espalhadas pelo mundo. Elas nem sempre formam um todo coerente, especialmente quanto aos métodos e ações de se atingir esses objetivos. A repercussão de suas ideias se faz notar ainda hoje, sendo que sua influência

esteve presente nos ideais de líderes como Aimé Cesaire, Kwame Nkrumah, Walter Rodney, Malcolm X e Martin Luther King, Jr., bem como em movimentos sociais e políticos como a descolonização da África, o Black Power, o Black Panthers, os Black Muslims e os Rastafaris.

No Manifesto da UNIA estão estipulados os objetivos daquela associação:

Estabelecer uma Fraternidade Universal entre a raça; promover o espírito de orgulho e amor racial; recuperar a queda da raça; administrar e assistir aos necessitados; assistir e civilizar as tribos atrasadas da África; fortalecer o imperialismo dos Estados independentes africanos¹.

Segundo Cronon (1969, p. 17), nas publicações posteriores desse manifesto a palavra “raça” foi retirada do segundo e terceiro objetivos; ao invés de promover culto “cristão” entre as tribos africanas, a versão posterior falava apenas de culto “espiritual”; e a palavra “imperialismo” foi abandonada em relação à independência dos Estados africanos. Um novo objetivo foi acrescentado “estabelecer uma nação central para a raça”. A visão de Garvey demonstra que, apesar de clamar pelo orgulho da raça e de sua ancestralidade africana, ele valorizava o pensamento ocidental como forma superior de cultura e civilização. A atenuação posterior, especialmente no tocante à religiosidade era, provavelmente, decorrente dos estudos etnográficos então em pleno desenvolvimento, os quais já apontavam para o relativismo cultural. O abandono do imperialismo por parte dos Estados independentes africanos poder-se-ia inferir que fosse devido às suas catastróficas consequências manifestadas na Primeira Guerra Mundial.

Os meios para atingir os objetivos acima, segundo o preâmbulo da constituição da UNIA estavam na ação concertada

do povo negro espalhado pelo mundo. Nesse preâmbulo a UNIA era definida como “uma social, amigável, humanitária, caridosa, educacional, institucional, construtiva e expansiva sociedade” e seus membros deveriam “trabalhar para a elevação geral dos povos negros do mundo (...) [e] fazer tudo em se poder para conservar os direitos de sua nobre raça e respeitar os direitos da humanidade inteira”. Finalmente, Garvey advertia no preâmbulo: “Que a justiça seja feita a toda a humanidade, compreendendo que se o forte oprime o fraco, confusão e descontentamento sempre marcarão o passo do homem, mas com amor, fé, e caridade para com todos, o reino de paz e fartura será anunciado ao mundo e gerações de homens serão chamadas de Abençoadas” (Garvey, 1967, p. 37-38; Cronon, 1969, p. 17-18). O principal moto da UNIA era “Um Deus, um objetivo, um destino”. Outro importante slogan era “África para os africanos de casa ou do exterior”.

Inicialmente, a proposta de Garvey surgiu diante da situação dos afrodescendentes marginalizados e discriminados da Jamaica, mergulhados em uma letárgica alienação que ele descreveu ao Major Robert Morton, em 1916:

Jamaica é diferente dos Estados Unidos onde a questão racial é considerada importante. Não temos preconceito aberto aqui, e não nos antagonizamos abertamente um ao outro. Os extremos aqui não são entre branco e negro, daí, nunca tivemos um caso de linchamento ou algo tão desesperador. [...] e ainda hoje se pode encontrar o negro jamaicano incapaz de pensar fora dos costumes e ideais de seus senhores dos antigos tempos de escravidão. Diferente do negro americano, o negro jamaicano nunca pensa sobre ideais raciais, mais em detrimento de si mesmo, ao invés de progredir geralmente [...]²

Segundo Horace Campbell (1983), o Pan-Africanismo e o Garveyismo emergiram no final do século XIX quando o imperialismo capitalista repartiu a África entre as potências

européias. Naquele período, os símbolos do orgulho racial estavam ligados à construção da nação e do Estado: “Nacionalidade é a mais forte segurança de qualquer povo e é por ela que a UNIA luta hoje em dia... a UNIA procura por um governo independente para o Negro” (Garvey, 1967, p. 34). Por conseguinte, o Garveyismo mobilizou os pobres a desafiar a dominação europeia sobre a África e a depreciação dos povos africanos espalhados pela Diáspora. No nível ideológico, o Garveyismo confrontou a falsificação da história Africana, desafiando os intelectuais negros a romper com as concepções eurocêntricas de desenvolvimento humano (Campbell, 1994, p. 183). De fato, Garvey encorajou seus seguidores a reescrever sua história e a valorizar seus heróis e sua raça (*The Negro World*, 06/06/1925).

Garvey insistia na necessidade de se reescrever a história da África, abolindo as falsificações produzidas pela cultura europeia. Segundo ele, o berço das civilizações estava localizado na África, quando a Europa ainda estava na Pré-História, portanto, a ideia de uma África selvagem era um construto europeu. Contudo, a ideia de uma África como berço das civilizações apareceu pela primeira vez na obra de Edward Wilmot Blyden, cujas obras exerceram profunda influência em Garvey, especialmente no período londrino de 1912-1913. Aliás, atribui-se a Edward Blyden a fundação do pan-africanismo e influência sobre o Africanismo Islâmico de Malcom X e dos Black Muslims entre outros. Para Blyden (1890, p. 4),

...Todos sabem que a base da civilização e da literatura dos dias de hoje estavam no Nilo e não entre a raça caucasoide – não nos Elíseos, no Tibre, no Reno ou no Tâmsa, mas nos rios da Etiópia. Existiam apenas dois passos entre o Egito e a Europa moderna – Grécia e Roma. A Grécia não só tomou a civilização e literatura da Etiópia. Quão maravilhosos eram os desenvolvimentos de civilização e literatura naquele país, que os antigos poetas e historiadores da Grécia, incapazes

de compreender tal maravilhoso crescimento nativo que o atribuíram à direta interferência dos deuses, os quais eles afirmam iam todo ano banquetear-se com os etíopes [...].

Do mesmo modo, Edward Blyden (1888, p. 272-273) rejeitava a noção estereotipada de uma África uniforme:

Existem negros e negros. As numerosas tribos habitando o vasto continente da África não podem mais ser olhadas como iguais em cada respeito quanto os numerosos povos da África e da Europa podem ser então olhados. Existem as mesmas variedades [...] Agora, deveria ser evidente que nenhuma descrição apressada pode incluir todos esses povos, nenhuma única definição, por mais compreensiva, pode abarcá-las todas. Ainda que escritores gostem de selecionar os traços proeminentes de tribos isoladas, as quais eles conhecem melhor, e aplicá-los à raça inteira.

Por sua vez, a obra e a trajetória de Blyden iriam influenciar o Garveyismo inclusive nos fracassados planos de colonização da Libéria que Garvey acalentava entre 1920 e 1924. Edward Blyden havia nascido nas Ilhas Virgens dinamarquesas em 3 de agosto de 1832, filho de pais afrodescendentes livres. Em maio de 1850, ele tentou emigrar para os EUA para se tornar ministro religioso. Após ser recusado, ele partiu para a Libéria, onde se tornou ministro religioso, professor universitário, funcionário público e diplomata.

A Libéria é um país da África Ocidental surgido da colonização de ex-escravos norte-americanos a partir da segunda década do século XIX. A proposta de repatriação dos ex-escravos surgiu entre os Quakers e obteve oposição dos fazendeiros e donos de escravos. Contudo, o temor de uma rebelião como a do Haiti fez com que o projeto fosse executado (Tyler-Mcgraw, 1999, p. 191-202). Em meio a uma África partilhada e dominada pelas nações europeias, a Libéria tinha o reconhecimento da

Inglaterra e da França como Estado soberano e independente. Blyden ao longo de sua carreira tornou-se um importante adido diplomático e cultural da Libéria nos EUA e na Inglaterra. Para ele, os afrodescendentes da Diáspora deveriam retornar à África, especialmente para a Libéria e Serra Leoa e contribuir para o desenvolvimento daqueles países. O moto “África para os Africanos, em casa e no estrangeiro” atribuído a Garvey encontra sua origem no moto de Blyden “África para os Africanos”, embora muitos autores afirmem que a frase foi cunhada pela primeira vez por Martin Robinson Delamy (1812-1885). Por outro lado, Garvey reconhecia que a liberdade dos “africanos do Ocidente” estava inextricavelmente ligada à liberdade do continente africano.

Tanto Blyden quanto Garvey insistiam no desenvolvimento de uma dignidade, de um auto-respeito, de um autoconhecimento e de um orgulho racial. Ambos reconheciam que a cultura europeia havia crescido em conhecimento e progresso científico, porém o início de todo esse conhecimento, segundo eles se encontrava no continente africano. Assim, eles haviam internalizado a cultura intelectual do Ocidente, aceitando seus princípios filosóficos. Horace Campbell (1994, p. 171) observou que não era insignificante o fato de o movimento literário afro-americano de maior expressão naquela época fosse chamado “Harlem Renaissance”, ou seja, Renascença do Harlem³.

A insistência de uma África livre do domínio colonial, obviamente, desagradava aos governos das potências europeias. O movimento de Garvey, que possuía filiais na África, era visto pelas autoridades coloniais como um movimento de agitadores negros e o seu veículo de divulgação, o jornal *The Negro World*, tinha sua circulação proibida em várias colônias francesas. Na manchete estampada na primeira página do referido jornal de 28 de fevereiro de 1927, pode-se ler as seguintes frases: “África, a terra prometida para os povos negros do mundo” e “Irão os negros permitir que os brancos tomem a África?”. Além disso, o

ofício abaixo, assinado pelo Cônsul-Geral Britânico de Dakar, R. C. F. Maugham, em 17 de agosto de 1922, claramente corrobora a inquietação suscitada nos governos britânico e francês pelas atividades da UNIA no continente africano (Public Record Office of Great Brita, London Political and colonial administration).

Do mesmo modo, o tom virulento dos discursos e artigos de Garvey despertava inquietação nas autoridades norte-americanas e nos líderes afro-americanos de outras associações. A UNIA e o Garveyismo eram acusados de serem uma organização e uma doutrina comunista que estimulava o ódio racial, enquanto Garvey era acusado de ser autoritário, demagogo e charlatão. Havia até quem ligasse a UNIA e seu líder à Ku Klux Klan, conforme se afirmou anteriormente. O memorando abaixo, emitido por J. Edgar Hoover, futuro chefe do FBI descreve as suspeitas do governo de uma suposta ligação entre a UNIA e os comunistas,

de 11 de outubro de 1919 encaminhado para Ridgelgyr.

Estou transmitindo em anexo a comunicação que chamou minha atenção vinda do Canal do Panamá, Escritório de Washington, relativa às atividades de MARCUS GARVEY. Garvey é um negro das Índias Ocidentais e tem suas atividades no esforço para estabelecer a Black Star Line Steamship Corporation na [qual] ele tem estado particularmente ativo entre os elementos radicais na cidade de Nova York ao agitar o movimento negro. Infelizmente, nunca, ele ainda não violou qualquer lei federal pela qual se poderia acionar contra as razões de ser um estrangeiro indesejável, do ponto de vista de deportação. Ocorre-me, entretanto, do clips anexado que pode haver um procedimento contra ele por fraude em conexão com sua propaganda da Black Star Line e por esta razão estou transmitindo a comunicação a você para sua apropriada atenção. [...] Em seu jornal *The Negro World* o governo soviético russo é apoiado e existe aberta defesa do bolchevismo⁴.

No memorando acima, pode-se observar que desde 1919, o processo judicial de fraude pelos correios contra Garvey já estava sendo arquitetado pelas autoridades norte-americanas para a posterior deportação do líder jamaicano. Embora as provas criminais fossem insuficientes, e houvesse a imparcialidade do Juiz que presidiu o caso, segundo Cronon (1969), o veredicto condenou Garvey a cinco anos de prisão, com o posterior indulto após o cumprimento de dois anos da pena com a condição de deportação imediata.

Contra as acusações de promover o ódio racial e de ser comunista, Garvey se defendia nos seguintes termos: “Não me oponho à raça branca como me acusam os meus inimigos. Não tenho tempo de odiar ninguém. Todo o meu tempo é devotado a elevar e desenvolver a raça negra” [...] e, ainda, “O Capitalismo é necessário para o progresso deste mundo e aqueles que são insensatos e só desejam se opor ou lutar contra ele são inimigos do avanço humano” (Garvey, 1967, p. 12 e 72). Além disso, na I Convenção Internacional dos Negros do Mundo, havia sido criada uma nobreza negra entre as principais lideranças da UNIA, especialmente entre os delegados vindos da África. Sobre esse assunto, Garvey escreveu: “A África deverá ter sua própria aristocracia, mas ela deverá ser baseada no serviço e lealdade à raça” (ibidem, p. 238). Por outro lado, os apoiadores brancos da causa socialista acreditavam que os negros só poderiam compreender as ideias socialistas sob sua tutela (Campbell, 1994, p. 174).

Além disso, o intenso nacionalismo e a estreita perspectiva racial colocavam o Garveyismo mais à extrema direita que à extrema esquerda. Em 1937, quando as legiões italianas varriam a Etiópia, Garvey afirmou que ele tinha sido o primeiro profeta do fascismo: “Nós éramos os primeiros Fascistas. Nós disciplinamos homens, mulheres, e crianças em

treinamento para a libertação da África. As massas negras viram que nesse nacionalismo extremo eles podiam depositar sua única esperança e prontamente o apoiaram. Mussolini copiou o fascismo de mim, mas os reacionários negros sabotaram tudo.” (Rogers, 1946, p. 602).

Quanto às acusações de ligações entre Marcus Garvey e os líderes brancos radicais, poder-se-ia dizer que havia uma admiração mútua entre o líder jamaicano e os líderes brancos, porque ambos os lados estavam pregando a pureza das raças e renegando a miscigenação. Garvey os admirava também por sua falta de hipocrisia e seu racismo aberto. Alguns desses líderes racistas chegavam a discursar nas reuniões da UNIA e fizeram campanha para o retorno de Garvey, quando ele foi deportado em 1927. Essas ações controvertidas de Garvey se baseavam no fato de que o líder da UNIA acreditava que os afrodescendentes deveriam deixar os brancos fazer o que quisessem na América, desde que os afro-americanos pudessem desenvolver uma nação na África (Cronon, 1969, p. 188-192).

O encontro de Garvey com Edward Young Clarke, chefe da Ku Klux Klan, em Atlanta no começo de 1922 foi ainda mais polêmico. Para Garvey essa era mais uma ação estratégica que uma admiração mútua. Ele desejava saber a extensão do poder da KKK e se ela poderia apoiar a UNIA e seu programa de “Volta para a África”. As lideranças afro-americanas não compreenderam a ação de Garvey e ficaram indignadas. Ele por sua vez respondeu: “Eu olho a Klan, os Clubes Anglo-Saxões e as Sociedades dos Americanos Brancos como os melhores amigos da raça do que todos os outros grupos de brancos hipócritas juntos. Eu gosto de honestidade e jogo limpo. Vocês podem me chamar de Homem da Klan se quiserem, mas, potencialmente todo homem branco é um Homem da Klan, na medida em que o Negro em competição com os brancos socialmente, economicamente e politicamente

é concebido, e não há nenhuma mentira nisso” (Ottley, 1943, p. 74).

Outra visão oferece um poema do secretário geral da UNIA, Robert L. Poston, intitulado “When you meet a member of the Ku Klux Klan” e publicado no *The Negro World*, em 1921, exibia certa animosidade entre a UNIA e aquela organização racista e o reiterado pensamento de Garvey a respeito de tratar aos outros como se é tratado:

Quando você encontrar um membro da Ku Klux Klan
Caminhe para frente e bata nele naturalmente
Não pense nas crianças que ele possa ter em casa
A simpatia é difamada quando usada sobre sua cúpula
Bata na sua boca e empurre sua face completamente
Esmurre-o até voar pelas escadas e pegue-o outra vez [...]
Pense em como ele tratou seus parentes nos dias de outrora;
Faça uma prece ao céu para obter a força de executar o serviço
Chute-o no estômago, ele, um esnobe sem valor
Chame sua mulher e seu filho para ver você se divertir
Ponha seu bulldog para ataca-lo para ver o malandro correr
[...]
Desta vez você deve abandoná-lo onde ele rolar na terra,
Um cansado e humilde membro da Ku Klux Klan
(*The Negro World*, 1º/10/1921).

Todavia, as acusações do caráter autocrático de Garvey por seus inimigos não podiam ser negadas, haja vista as próprias afirmações de Garvey sobre o Fascismo. Além disso, Garvey acreditava que um líder deveria dispor de todo o seu tempo e energia para atender às expectativas de seus comandados ou correligionários. Entretanto, as disputas entre ele e UNIA norte-americana após sua deportação, para sediar o movimento, corrobora seu desejo de centralizar e encabeçar o movimento. Suas ideias sobre a melhor forma de governo se aproximavam dos regimes ditatoriais: “O Governo deveria ser absoluto e o chefe

deveria ser completamente responsável por si mesmo e pelos atos de seus subordinados... Quando elegemos um Presidente de uma nação ele deveria ser dotado com absoluta autoridade para nomear todos seus tenentes do gabinete de ministros, governadores de estados e territórios, administradores e juízes” (Garvey, 1967, p. 74). Por sua vez, Horace Campbell (1994, p. 177) enfatiza que Garvey durante toda a sua vida focalizou sua atenção na importância de dirigir as massas para a participação ativa e democrática na reconstrução de suas sociedades. Isto se manifestou especialmente durante a invasão italiana da Etiópia, em 1935, quando Garvey diferenciou o apoio à população etíope do apoio ao imperador Hailé Selassié I. Contudo, dirigir as massas para reconstruir sua sociedade e organizá-las sob cooperativas não significa necessariamente estabelecer um regime democrático.

Embora o Garveyismo tivesse milhares de seguidores nos EUA e a UNIA estivesse espalhada no Caribe, América do Sul e África, o número de seguidores nesse último continente era menor que o da América do Norte. Isto acontecia por causa da limitada acumulação de capital no processo de incorporação da força de trabalho ao sistema mundial, exceto na África do Sul. Além disso, o programa revolucionário de Garvey exigia a libertação da África pela força e as massas oprimidas não possuíam a capacidade organizacional, a experiência requerida e os recursos para levar adiante esse programa. A sociedade colonial africana não permitia as liberdades básicas como o direito de assembleia ou liberdade de expressão tal como acontecia na Europa. Além disso, a forma de organização da UNIA baseada em sistemas cooperativos era superior àquela do Estado liberiano e esta pode ser a razão pela qual o governo da Libéria voltou atrás em sua decisão de aceitar uma colonização de garveyitas vindos dos EUA. Por fim, havia a pressão das potências europeias contra a existência de um Estado africano que não fosse apenas

nominalmente independente e soberano (Campbell, 1994, p. 173-174).

Quanto ao Caribe, Garvey propunha um Pan-Caribeísmo desde que a UNIA possuía divisões em todo o Caribe e na América Central. Embora sua concepção do Caribe não fosse como a britânica nas Índias Ocidentais, escreveu na edição de 17 de maio de 1929 do jornal *Black Man* que “As Índias Ocidentais vieram de um ponto de vista geográfico e econômico. Nós mostramos que elas tiveram uma singular história de povos de uma raça comum, não autóctone, mas de uma solidariedade da qual existe uma profunda consciência que cresce e se expressa em cada passo do seu desenvolvimento”.

Todavia a forma de atuação das filiais da UNIA e a população que aderira à sua causa variavam de acordo com o país ou ilha caribenho. No caso de Costa Rica, por exemplo, a ação da UNIA manteve-se circunscrita aos imigrantes jamaicanos empregados na colheita de bananas daquele país, os quais eram bastante discriminados pela população local. Essa discriminação era uma estratégia da United Fruit Company para conseguir manter os trabalhadores divididos e enfraquecer o movimento trabalhista (Harpelle, 2003, p. 35-73)⁵.

A Repatriação Africana

Por sua vez, o aspecto mais criticado do Garveyismo era o desejo de repatriação dos afrodescendentes à África. A *intelligentsia* afrodescendente acusava a loucura e o charlatanismo de Garvey, guiando cegamente seus seguidores. A questão que se colocava para os seguidores de Garvey era se eles seriam capazes de construir uma nova civilização ou retornariam às primitivas civilizações africanas.

Além disso, as representações ocidentais de uma África

selvagem e bárbara estavam por demais internalizadas para serem desconsideradas. As visões de uma nova civilização africana eram mais uma forma de escapismo que uma realidade, e muitos afro-americanos desejavam permanecer no seu local de nascimento, aspirando por condições sociais mais igualitárias. O ator Charles Gilpin, falando aos afro-americanos daquele período, perguntava: como Garvey poderia voltar a um lugar no qual ele nunca esteve (Defender, 14/05/1921).

Na Jamaica, a ideia de repatriação africana foi introduzida, no final do século XIX, por J. Albert Thorne, um professor nascido em Barbados. Seu objetivo era fazer com que os afro-jamaicanos fossem enviados às regiões africanas sob o domínio britânico, porque ele acreditava que a Inglaterra devia isso aos afrodescendentes. Para atingir esses objetivos, Thorne fundou a African Colonial Enterprise e distribuiu panfletos com a informação do movimento de repatriação. O fracasso de Thorne se deu por várias razões, dentre elas, as potências europeias eram extremamente protetoras de suas esferas de influência e não estavam preparadas ou possuíam condições para oferecer acomodações para afrodescendentes repatriados. Apesar de seu fracasso, Thorne preparou o caminho para o ideal de repatriação de Garvey. (Clarke; Garvey, 1974, p. 27-28).

No hino oficial da UNIA, “The Universal Ethiopian Anthem” (O Hino Etíope Universal), composto por Burrell and Ford, pode-se observar claramente as noções de Etiopianismo⁶, o desejo de repatriação africana e não apenas uma conexão cultural com a África, como acontecia antes de Thorne e Garvey. Aliás, no artigo 40 da Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo promulgada em Nova York em 15 de agosto de 1920, durante a Primeira Convenção Internacional dos Negros do Mundo, está declarado que o referido hino anteriormente chamado “Ethiopia, Thou Land of Our Fathers” (Etiópia, tu Terra de Nossos Pais),

deveria ser o hino de toda a raça Negra.

Etiópia, Tu terra de nossos pais,
Tu, terra onde os deuses amavam estar
Como uma nuvem de tempestade chega repentinamente à noite
Nossos exércitos chegam correndo para ti
Devemos na luta ser vitoriosos
Quando as espadas são empurradas para fora para brilhar;
Para nós a vitória será gloriosa
Quando guiados pelo Vermelho, Negro e Verde.

Etiópia, o tirano está caindo
Aquele que te bateu sobre teus joelhos,
E teus filhos estão chamando ardentemente
Além dos mares distantes.
Jeová, o Grandioso nos ouviu
Notou nossos suspiros e nossas lágrimas,
Com Seu espírito de Amor ele nos exortou
Para sermos Um através dos anos vindouros

Oh Jeová, Tu, Deus das eras
Concedas a nossos filhos que guiam
A sabedoria que deste aos Teus sábios
Quando Israel estava machucado e necessitado
Tua voz pelo vago passado falou
Etiópia estenderá suas mãos cheias,
Por Ti todas as restrições serão quebradas
E o Céu abençoa nossa querida terra natal.

(UNIA, 1997, p. 29-30).

O texto da canção acima coloca os afrodescendentes espalhados pela Diáspora como filhos da Etiópia que clamam pela volta à terra natal africana e/ou etíope, comparados talvez ao cativo judeu na Babilônia (598-538 a.C.). O tirano que está caindo pode se referir tanto à derrota das forças italianas pelas forças etíopes em 1896, quanto ao imperialismo europeu.

A imagem de Deus (Jeová) abençoando a Etiópia também faz referência ao Salmo 68, versículo 31, bem como aos mitos coptas que unem as histórias da Etiópia e de Israel (RABELO, 2005, p. 113-118).

Entretanto, segundo Amy Jacques Garvey, o líder da UNIA não planejava fazer com que todos os afrodescendentes espalhados pela Diáspora retornassem ao continente africano. Para Marcus Garvey, uma vez que uma forte nação africana fosse estabelecida, os afrodescendentes de qualquer lugar do mundo automaticamente ganhariam prestígio e força e poderiam buscar a sua proteção caso fosse necessário. Além disso, para ele se alguns negros não eram bons na América, também não seriam bons na África. Aqueles particularmente desejáveis na nova nação africana eram engenheiros, artesãos, e trabalhadores de toda espécie, isto é, os elementos pioneiros sobre os quais todas as civilizações são erguidas (CLARKE; GARVEY, 1974, p. 184-185).

O impacto do Garveyismo nos países africanos foi imenso, se bem que o número de associados africanos fosse menor que o número de associados nos Estados Unidos, conforme se afirmou acima. Entretanto, o impacto e a influência de Garvey na África podem ser observados nas ideias de líderes políticos como Kwame Nkrumah (1957, p. 45)⁷ que, em sua autobiografia reconhece que a filosofia de retorno à África de Garvey o inspirou e influenciou mais do que qualquer outra para fazer de Gana o primeiro Estado africano soberano e independente da era pós-colonial. Na bandeira de Gana observa-se uma estrela negra sobreposta a uma faixa amarela colocada entre uma faixa verde e outra vermelha, em uma clara homenagem à empresa Black Star Line, Inc. de Marcus Garvey e da UNIA.

As cores da bandeira da UNIA, verde, negro e vermelho, se tornaram as cores oficiais dos países africanos de acordo com

o artigo 39 da Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo. O simbolismo das cores foi definindo no catecismo dos garveystas: “vermelho para a cor do sangue que homens devem derramar para sua redenção e liberdade, negro para a cor da nobre e distinta raça à qual pertencemos e verde para a luxuriante vegetação de nossa terra mãe” (UNIA, s.d., p. 37).

A bandeira da UNIA foi criada na Primeira Convenção dos Negros do Mundo (1920) em resposta à canção racista “Every Race Has a Flag but the Coon⁸” (Toda raça tem uma bandeira, menos a negra), composta por William A Heelan e J. Fred Helf, em 1900, cuja letra foi incluída a seguir:

O líder do Clube Blackville [cidade negra] se ergueu na
última noite de trabalho
E disse, “Quando estávamos em desfile hoje
Eu realmente me senti envergonhado, Eu desejei poder virar
branco
Porque todos os povos brancos marcharam com alegres
estandartes
no coreto a banda alemã
Eles agitaram sua bandeira e tocaram ‘De wacht am Rhine’
A brigada escocesa todo homem estava em ordem
em novos uniformes xadrezes marcharam ao som de ‘Auld
Lang Syne’
Até espanhóis e suecos, povos de todas as espécies e credos
Tinham seu estandarte exceto o crioulo
Toda nação pode gabar-se de alguma espécie de bandeira
Por que não podemos ter um emblema nosso?”
[...}
Deveríamos ter tido esse emblema há muito tempo (Heelan;
Helf, 1900).

Canções como esta acima ficaram conhecidas como *Coon Songs* e se referem ao contexto anglo-saxônico de 1880 a 1920, quando elas faziam muito sucesso ao ridicularizar os

afrodescendentes (Holloway; Cheney, 2001) com estereótipos tais como aqueles apresentados na última estrofe da canção de Heelan & Helf acima. Naquele período, as teorias racistas do Conde de Gobineau (1967) e Cesare Lombroso (1972) ainda possuíam um caráter científico e de credibilidade. No ano seguinte à criação da bandeira da UNIA, Marcus Garvey declarou: “Mostre-me a raça ou nação sem uma bandeira, e eu lhe mostrarei uma raça de pessoas sem qualquer orgulho. Ai! Em canção e imitação eles disseram, ‘Toda raça tem uma bandeira menos a Negra’. Que verdadeiro! Ai! Mas isto foi dito de nós quatro anos atrás. Não podem dizer isso agora...” O orgulho pela bandeira da raça que hoje constitui a bandeira oficial da UNIA, também era expresso na ode composta por Amy Jacques Garvey para a bandeira, intitulada “This Flag of Mine” (Esta minha bandeira) e que era usada em todos e os encontros oficiais da associação.

Relações de Gênero e Participação Feminina no Garveyismo

Um aspecto progressista que o Garveyismo apresentava no início do século XX era a ativa participação feminina no interior do movimento. Naquela época, as mulheres lutavam por direitos civis como o voto, equiparação salarial, dentre outros, em vários países. Não se poderia reduzir a participação ativa das feministas no interior da UNIA apenas à vontade de seu líder, uma vez que os movimentos das sufragistas e das operárias se originaram fora dos quadros daquelas organizações. Porém, a influência do Dr. Robert Love sobre Garvey, sem dúvida, constitui uma das condicionantes para o ativo papel feminino dentro da UNIA. Na Jamaica, o doutor Love realizava um programa de apoio a mulheres negras, tanto no aspecto da saúde quanto do desenvolvimento da dignidade e autoestima delas como portadoras de importante papel social, enquanto também criticava o racismo e o colonialismo, impressionando o jovem

Marcus Garvey. No interior da UNIA havia uma divisão voltada para os cuidados da saúde com alguns médicos e enfermeiras que passaram a ensinar rudimentos da enfermagem para mulheres negras que se denominavam as Black Cross Nurses (Enfermeiras da Cruz Negra) e tiveram um ativo papel nas duas Guerras Mundiais.

A divisão das Black Cross Nurses foi criada por Amy Ashwood Garvey, primeira esposa de Garvey e primeiro membro associado da UNIA (Ford-Smith, 1994, p. 76-77) e estava, no princípio, sob a responsabilidade de Sarah Branch. O nome da divisão das enfermeiras deriva dos quepes que elas usavam como parte de seus uniformes, os quais possuíam uma cruz negra, em virtude de o setor voluntário da Cruz Vermelha negar o ingresso de enfermeiras afrodescendentes. Pacientes de cor também eram discriminados nos hospitais, haja vista o caso de Bessie Smith, famosa cantora de blues que morreu sem assistência hospitalar por ser “negra”. Nos hospitais as piores tarefas eram delegadas às poucas enfermeiras afrodescendentes admitidas nos quadros do pessoal enquanto que o cuidado de pacientes brancos lhes era vedado.

Contudo, se o papel das Black Cross Nurses era valorizado e respeitado no interior da UNIA, ele não constituía uma liderança feminina no interior daquela associação. Por outro lado, as duas esposas de Garvey foram secretárias pessoais de Garvey antes de se casarem com ele e, por isso, tomavam ativa parte nas decisões da associação, colaboravam nos jornais da UNIA ao lado de muitas outras mulheres. Além disso, Henrietta Vinton Davis era Presidente Geral e Organizadora Internacional bem como tomou parte na delegação enviada à Libéria, durante a prisão de Garvey.

A valorização da mulher pode ser observada também no poema “The Black Woman” (A mulher Negra), escrito por

Garvey e publicado em 28 de fevereiro de 1927, no *The Negro World*:

Rainha negra da Beleza, tu tens dado cor ao mundo!
Entre outras mulheres tu és a Arte Real e a mais bela!
Como a mais brilhante das joias no diadema régio,
Tu brilhas, Deusa da África, puro emblema da Natureza!

Homens negros veneram o teu relicário virginal de puro amor,
porque em teus olhos estão fixadas a virtude e marca santificada,
Como não vemos em nenhuma outra, vestida em seda ou puro
linho,
Da antiga Vênus, a deusa, à mítica Helena.

Tua transcendente e maravilhosa beleza enlouqueceu todo o
mundo,
Fazendo Salomão chorar assim que ele viu tua formosura;
Antônio e o velho César choraram aos teus pés reais,
Preferindo a morte a abandonar tua presença, seus inimigos
encontrar

Por causa da desunião te tornaste mãe do mundo
Doando tom de cor forte aos cinco continentes,
Construindo um mundo maior de milhões de raças coloridas
Cujo clamor de beleza é refletido pelas nossas faces negras.

Uma vez mais iremos, na África lutar e conquistar para ti,
Restaurando a coroa perolada que a orgulhosa Rainha de Sabá
usou:
Sim, isto pode significar sangue, isto pode significar morte;
mesmo assim lutaremos,
Apresentando nossos estandartes para a vitória, homens de
força africana

(*The Negro World*, 28/02/1927).

A primeira imagem que ressaltada nos trechos do poema acima é a valorização da beleza da mulher negra. Conforme se

afirmou acima, Garvey não permitia anúncios de produtos que não valorizassem a natural beleza africana, como os fabricantes de alisadores de cabelo nas publicações da UNIA. A beleza da mulher africana foi comparada às mitológicas belezas gregas da deusa Vênus e da semideusa Helena, atavicamente representadas no imaginário ocidental como arquetípicas e segundo, o discurso poético de Garvey, a mulher africana era a mais bela dentre todas.

Sobre o poema acima, Honor Ford-Smith também argumenta que, considerando o contexto, a mulher ainda era a responsável pelo controle da sexualidade, portanto sofria maior controle moral, porém ela argumenta que Garvey introduz a noção da mulher negra com uma moral igual a da branca, uma vez que o colonizador branco via a mulher negra, como lasciva e promíscua (Lerner, 1973, p. 163). O problema da prostituição da mulher negra era uma preocupação entre todos os líderes de movimentos afro-americanos pelos direitos civis. Contra o discurso sobre a moral lasciva da mulher afrodescendente, a Presidente da UNIA da cidade de Filadélfia, Estella Matthews, em 1921, escreveu o poema *The New Negro Woman's Attitude Toward the White Man* (A Nova Atitude da Mulher Negra em Relação ao Homem Branco) exortando as mulheres afrodescendentes a adotar uma nova postura em relação ao homem branco, em defesa de sua virtude qualquer que fosse o preço a ser pago por isso:

Nós nunca te pediremos quartetos,
E nunca seremos tuas escravas;
Porém nadaremos no mar da virtude
Até que nos afundemos sob suas ondas.
(*The Negro World*, 04/06/1921).

Por outro lado, o divórcio do próprio Garvey trouxe para dentro da UNIA a discussão dos direitos das mulheres, a monogamia, o direito de as esposas terem amigos masculinos, fidelidade no casamento, conduta apropriada no casamento e ética

de amizade entre mulheres, em virtude do mencionado flagrante armado por Amy Jacques para que Garvey surpreendesse sua esposa cometendo adultério (Ford-Smith, 1994, p. 76-77).

Na Jamaica, entre 1927-1937, a questão feminina foi eclipsada pelo debate da relação entre classe e raça, mas as mulheres passaram a cooperar na luta contra a exploração capitalista das mulheres. A esse respeito, Satira Earle, uma ativa Garveyita e Presidente da Divisão de St. Andrew da UNIA escreveu: “Acordem homens, se vocês estão com medo de enfrentar, eu organizarei um comitê de mulheres e nos lançaremos contra os capitalistas dessa ilha e deixaremos vocês homens sonolentos para trás” (APUD POST, 1978, p. 241).

Em 1937, Amy Bailey e Madame de Mena, dentre outras ativistas ligadas à UNIA, formaram o Women’s Liberal Club (Clube liberal das Mulheres), uma organização voltada para a construção da identidade nacional jamaicana e no lugar da mulher dentro dela. Os cinco principais objetivos do clube eram: fomentar e desenvolver um espírito nacional entre as mulheres jamaicanas; encorajar as mulheres a tomar um ativo e inteligente interesse em eventos locais e mundiais; estudar história negra; estudar condições sociais e econômicas internas e externas; e melhorar o status das mulheres jamaicanas, socialmente e politicamente. Desse modo, pode-se perceber que a UNIA era um campo de treinamento para as feministas afrodescendentes dos anos 1930 (Ford-Smith, 1994, p. 79-81).

Religiosidade no interior do Garveyismo

No aspecto religioso, o Garveyismo defendia a necessidade e a importância da liberdade religiosa e espiritual, porém introduziu uma nova forma de culto cristão entre a comunidade africana e afro-americana. De fato, influenciado

por Edward Blyden, Garvey condenava os preconceitos raciais implícitos que as representações caucasoides do Cristianismo ocidental impunham aos povos africanos e afrodescendentes. Para Blyden, o Islamismo por sua ausência de representação pictórica da figura humana, permitiu que os africanos islamizados não distinguissem os santos como brancos e justificou a massiva conversão islâmica de alguns povos africanos. Blyden (1890, p. 39-44) era um nacionalista religioso que não professava o islamismo como sua religião, porém, mesmo sendo cristão, ele condenava o cristianismo sob o ponto de vista europeu: “O Protestantismo não possui santos negros”.

Apesar de sua mãe ter sido metodista, Garvey esteve ligado ao catolicismo na sua juventude. Aliás, seu casamento com Amy Ashwood foi realizado no natal de 1919 sob as bênçãos da Igreja Romana. Contudo, Garvey começou a se conscientizar que a submissão a um Deus Branco equivaleria a submeter a raça africana à raça branca: se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, então para o homem negro, Deus deveria ser negro. Assim, em 28 de setembro de 1921, o Reverendo George Alexander McGuire deixou seu púlpito em Washington, para se tornar o Capelão Geral da UNIA. Dignatários da Igreja Ortodoxa Grega consagraram McGuire como Bispo da recém-formada African Orthodox Church (Igreja Ortodoxa Africana) que agrupou rituais da igreja grega e da igreja romana. Porém, tanto McGuire quanto Garvey insistiam para que seus fiéis se esquecessem da imagem branca de Deus e do Cristo, rapidamente espalhando o novo culto entre os associados da UNIA.

No *Universal Negro Catechism* (Catecismo Negro Universal), escrito em 1921, McGuire, por meio de perguntas e respostas, evoca a nova imagem de Deus que deveria ser

construída pelos povos africanos e afrodescendentes:

Q. O que é Deus?

R. Deus é um espírito, o que é dizer, Ele não ter corpo ou forma visível

Q. Por que Deus é chamado Pai?

R. Por que Ele é o Criador de todos os seres, visíveis e invisíveis, e o Produtor de todas as coisas no mundo natural.

Q. São todos os seres humanos então filhos de Deus?

R. Certamente, Ele é o Grande Pai de todos, e todos os membros da raça humana são seus filhos.

Q. Como Deus criou o homem?

R. Macho e Fêmea os criou à sua própria imagem, em conhecimento, retidão, e santidade, com domínio sobre toda a terra e os animais inferiores.

Q. Deus fez algum grupo ou raça de homens superior a outra?

R. Não, Ele criou todas as raças iguais e de um único sangue, para habitar sobre toda a face da terra.

Q. É verdade que o Grupo Negro ou Etíope da família humana é o grupo mais baixo de todos?

R. É uma mentira básica que é ensinada nos livros escritos por homens brancos. Todas as raças foram criadas iguais.

Q. Então, qual é a principal razão para as diferenças observadas entre os vários grupos de homens?

R. Meio ambiente; isto é, condições conectadas com o clima, oportunidade, necessidade e associação com os outros.

Q. Qual é a cor de Deus?

R. Um espírito não tem cor, nem outras partes naturais, nem qualidades.

Q. Mas nós não falamos de Suas mãos, Seus olhos, Seus braços, e outras partes?

R. Sim, é porque somos capazes de pensar e falar dele apenas em termos figurativos humanos.

Q. Se, então, você tivesse que pensar ou falar da cor de Deus, como você o descreveria?

R. Como negro, desde que fomos criados à sua imagem e semelhança.

Q. Em que você baseia sua afirmação de que Deus é negro?

R. Na mesma base que foi tomada pelas pessoas brancas quando elas afirmam que Deus é da cor delas (McGUIRE, 1921, p. 5-6).

Na verdade, o documento acima exhibe uma ideia muitas vezes defendida por Garvey de que Deus é espírito e não tem corpo ou cor. Entretanto, como os homens lhe atribuíam uma forma humana e, em especial, o Cristianismo o representava como um homem velho branco e de barbas longas, era natural e justo que, segundo Garvey (1967, p. 33-34), o homem negro o representasse como negro:

Assim, em 1924, na parada de abertura da IV Convenção Internacional dos Povos Negros do Mundo, os membros da UNIA desfilaram pelas ruas do Harlem ostentando fotografias de uma Madona e um menino Jesus negros. Além disso, o Bispo McGuire reclamava da caracterização negra do Diabo feita pelo homem branco e afirmava que doravante o Diabo para o homem negro seria branco. A cor negra muitas vezes é associada à escuridão, às trevas, mas também pode significar prudência, sabedoria e constância nas tristezas e adversidades (JULIEN, 1993, p. 118). Entretanto, as reações ao novo Deus negro, logo se fizeram notar. A imprensa branca de Nova York, escandalizada, passou a atacar o novo culto. George S. Schuyler (1925, p. 179), jornalista afro-americano, por exemplo, associou os fracassos empresariais da UNIA e a prisão de Garvey ao castigo divino pela blasfêmia da religião negra: “No verão passado Marcus acusou a Deidade de ser um Negro, não se admira que a sorte fosse contra ele!”. Do mesmo modo, os ministros religiosos negros, em sua maioria, foram veementes na condenação do novo culto. Amy Jacques Garvey, em entrevista para Cronon, acreditava que a razão para essa recusa fosse financeira, uma vez que um culto negro

unificado retiraria as rendas, os poderes individuais e o prestígio dos pregadores líderes de inúmeras pequenas e independentes igrejas (Ibidem, p. 178-182). Porém, as sementes lançadas por Blyden e Garvey no início do século XX, a respeito de um Deus negro germinariam entre a *intelligentsia* negra e nos movimentos sociais como os Black Muslims e os rastafáris⁹.

Em sua tentativa de reforma religiosa, Garvey procurou manter o caráter laico da UNIA, mantendo-a em separado e não a confundindo com nenhuma organização religiosa. O líder do Garveyismo reiteradamente advogava a ação política e social das populações africanas e afrodescendentes frente à opressão, rechaçando o fanatismo em qualquer forma de credo ou denominação religiosa:

Vocês negros da Jamaica oram demais! Com todas as suas orações vocês têm furacões, terremotos, secas e tudo mais! Vocês sabem por quê! Porque Deus não está satisfeito só com orações. Deus diz que vocês devem trabalhar e orar! E vocês do povo parecem desistir do mundo para o homem branco e escolher Jesus! O homem branco tem direito a Jesus também! Jesus pertence a todos; então vocês são tolos por desistirem do mundo e tomar somente a Jesus. Vocês devem fazer parte do mundo e parte de Jesus também! Vocês negros ainda não colocaram na cabeça a ideia científica de adorar a Deus!

Emoção e sentimento não contam em um mundo como este. Eles não podem mover o mundo. Este mundo só pode ser movido por realizações práticas. A menos que vocês trabalhem com suas orações, vocês se atrasarão aqui ou em qualquer lugar [...]

Não sou daqueles cristãos que acreditam que a Bíblia pode resolver todos os problemas da humanidade. Isto é impossível; a Bíblia é boa em seu lugar, mas nós somos homens; somos criaturas de Deus e temos pecado contra Deus e, portanto, é preciso mais que a Bíblia para acompanhar a era em que vivemos. O homem está se tornando tão vil, o homem está

se tornando tão criminoso que você tem que escrever outros códigos além da Bíblia (*The Daily Gleaner*, 26/03/1921).

Não obstante Garvey faça lembrarmo-nos do desencantamento do mundo de que anuncia Max Weber (2011, p. 31), em que não se trata de “apelar a meios mágicos para dominar os espíritos ou exorcizá-los”, ele não nega inteiramente a religião nem coloca o mundo imanente separado de qualquer transcendência, apontando não só para a ação prática, mas também para uma fé racional baseada em princípios científico.

Carisma e Poder de Marcus Garvey

Embora seus inimigos o acusassem de ser centralizador e autoritário, Marcus Garvey como figura central do movimento e da associação que ele fundou, não teria alcançado o sucesso, sem o apoio de lideranças locais. Um movimento de caráter internacional estaria destinado ao fracasso, se sua organização estivesse baseada apenas em torno da figura do líder. Obviamente, a prisão e a deportação de Garvey deixaram o movimento enfraquecido nos EUA. A falência da Black Line Star, Inc. também fez surgir descrédito e desconfiança de muitos associados da UNIA. Os anos de depressão, que trouxeram tempos difíceis em todo o mundo, contribuíram para a decadência do movimento. As convenções internacionais da UNIA, a cada ano diminuía o número de participantes, mas a organização se manteve inclusive após a morte do líder jamaicano. Seu filho, Marcus Garvey Jr., tornou-se presidente da UNIA muitos anos depois.

Contudo, não se poderia afirmar que a natureza do poder de Garvey no interior do movimento era, segundo a noção de Max Weber, de natureza carismática. Para Weber (1991, p. 141-160), o líder carismático é aquele cujos comandados acreditam

que ele seja possuidor de qualidades excepcionais, sobre-humanas ou divinas, não podendo ser substituído. Esse tipo de poder ou liderança aparece frequentemente nos movimentos sociais de natureza religiosa, cujo melhor exemplo jamaicano seria Alexander Bedward, considerado um profeta dotado de poderes espirituais para seus seguidores (RABELO, 2005, p. 110-113). As tensões entre Garvey e as lideranças da UNIA norte-americana para sediar o movimento após a deportação de Garvey poderiam constituir um sólido argumento contra a noção de Garvey possuir um poder carismático. Entretanto, para seus seguidores iletrados ou pouco instruídos, os quais tinham como principal leitura os jornais da UNIA e a Bíblia, Garvey era um profeta (CAMPBELL, 1994, p. 174).

De fato, Marcus Garvey nunca se considerou divino ou visionário. Embora fosse religioso, ele acreditava mais na ação humana para a libertação e elevação do orgulho dos povos africanos espalhados pela Diáspora. Apesar de Garvey ser considerado um herói nacional em seu país, ao longo dos anos, mitos que atribuem poderes sobrenaturais à sua figura se estabeleceram. Barry Chevannes (1994, p. 123) reconheceu pelo menos quatro tipos de mitos em torno de Garvey entre os rastafaris jamaicanos: aqueles que atribuem características heroicas ou divinas a Marcus Garvey; aqueles que confirmam o papel messiânico de Haile Selassie I; aqueles que são endereçados às lutas do povo e os que são maldições.

Dentre os diversos mitos coletados por Chevannes, serão apresentados apenas seis. O primeiro deles associa Bedward e Garvey como reencarnações dos irmãos Arão e Moisés, respectivamente, sendo o nome completo deste último Marcus “Moziyah” Garvey. Enquanto Garvey era um profeta, Bedward era um grandioso pregador (Ibidem, p. 123 e 129).

O segundo mito afirma que Garvey não morreu em 1940.

Durante a visita do presidente Tubman da Libéria à Jamaica, em 1954, a semelhança física entre o político africano e o líder jamaicano fez com que muitos acreditassem que Garvey estaria vivo na Libéria, cumprindo seu sonho de voltar para África. Há quem afirme que Garvey estaria vivendo no Congo, ao invés da Libéria (Ibidem, p. 127).

Como herói e mártir, Garvey foi duas vezes submetido a julgamento e libertado pouco depois. Na prisão de Spanish Town, a cela ocupada por Garvey nunca mais foi ocupada por nenhum outro prisioneiro e, um banho envenenado foi preparado para Garvey que não sentiu nenhuma consequência nociva da armadilha preparada na prisão (Ibidem, p. 124). O banho envenenado de Garvey nos remete ao suplício que o apóstolo João Evangelista foi submetido na Ilha de Patmos, no final do século I d.C. Na ocasião, o apóstolo João foi fervido em óleo quente durante uma semana e escapou ileso.

Pertencente à categoria das lutas do povo, por volta de 1976, o quarto mito selecionado foi encontrado entre rastafaris e não-rastafaris, que atribuíam a Garvey uma profecia sobre aqueles que sobrevivessem aos difíceis anos 1970, poderiam sobreviver a tudo, especialmente após o encontro dos três setes, isto é, o mês de julho de 1977. Chevannes argumenta que esse mito não foi recolhido antes de 1976, derivando, portanto, do contexto histórico (Ibidem, p. 126 e 130). A difícil crise econômica mundial dos anos 1970 e o conturbado processo eleitoral jamaicano de 1976 favoreciam o surgimento desse tipo de escatologia.

As maldições atribuídas a Garvey se voltam para três conhecidos personagens históricos jamaicanos: Bag-a-Wire, Norman Manley (1893-1969) e Michael Manley (1924-1997). Bag-a-Wire era um mendigo louco que andava pelas ruas de Kingston com um saco costurado com arame (Bag and Wire).

As crianças costumavam atirar pedras contra ele. Diz-se que ele era um garveyista que traiu o seu líder e foi por ele condenado a vagar pelas ruas em trapos, sem casa, amigos e razão. Em 1975, Bag-a-Wire foi lembrado por Wiston Rodney ou Burning Spear (2001), na canção “Marcus Garvey”:

Onde está Bag-a-wire?
Ele não está em lugar algum
Ele não pode ser encontrado
Primeiro traidor que entregou Marcus Garvey
Filho de Satã, Primeira Profecia
Surpreenda-os, Garvey, wo-oo-oo
Domine-os, Marcus, domine-os, mmmm
Profecia cumprida, wo-oo-oo
Surpreenda-os, Garvey, surpreenda-os, mmmm
Domine-os, Marcus, domine-os, wo-oo-oo
Marcus Garvey, Marcus, mmmm.

A maldição contra Norman Manley foi lançada quando Manley, fundador do PNP, era o advogado de defesa de um dos inimigos de Garvey:

O caso da Rua King. O juiz perguntou a Garvey se ele não hasteou uma bandeira, e ele disse sim. E ele [o juiz] perguntou a ele [Garvey] se era seu o emblema ali, e ele [Garvey] disse sim. Eu acho que o juiz perguntou a Manley se ele via uma bandeira, e ele [Manley] respondeu que ele via um pedaço de pano sujo. E o sr. Garvey disse, “o mesmo pedaço de pano você usará quando tirar sua camisa e lutar pelo mesmo povo que você está combatendo. Mas você se atrasará em dez anos!” (CHEVANNES, 1994, p. 128).

Os partidos surgidos após a greve de 1938, PNP e JLP disputaram as eleições de 1944, saindo vencedor o JLP de

Alexander Bustamante (1884-1977). O PNP de Norman Manley só chegaria ao poder em 1955, portanto, dez anos depois. A maldição atingiu do mesmo modo Michael Manley, filho e herdeiro político de Norman Manley, que só chegou ao poder dez anos depois de se iniciar na política (Ibidem, p. 129).

Em 1921, no jornal *The Negro World* foi publicado o poema “To Marcus Garvey” (Para Marcus Garvey), de autoria de C.H.D. Este, em homenagem ao líder jamaicano, demonstra a admiração que os associados da UNIA tinham em relação a Marcus Garvey:

A noite estava fria, o vento estava forte
O caminho que eu pisava era duro e sombrio
Nenhuma voz eu ouvia; nenhum amigo estava perto
Minha mente estava cheia de dúvida e medo

E assim me sentei sob uma árvore;
As nuvens estavam pálidas, as chuvas caíam
O trovão rugia, o céu estava livre,
E selvagens ecos rufavam pelo vale

Quando no meio da ira da noite,
Uma voz doce soprou no meu ouvido;
E me mandou olhar para a direita
Para ver uma estrela brilhando lá

Nisto a noite se tornou calma e brilhante
Uma luz amarela iluminava o caminho
E todas as sombras de tristeza e susto
Em rápida correria eram expulsadas.
(*The Negro World*, 23/04/1921).

O caráter incontestado de liderança de Garvey é esboçado no poema acima, em que Garvey aparece como uma luz que guia o eu lírico por um caminho de sombras e escuridão que nos faz

lembrar o poeta Virgílio guiando Dante pelo inferno a pedido de Beatriz. Era justamente essa liderança que fazia com que Garvey fosse também apresentado como charlatão, demagogo e autocrata por seus inimigos.

Garvey e o Movimento Rastafari

Embora Marcus Garvey seja considerado uma figura central no rastafarismo, Garvey, por sua vez, no início dessa doutrina religiosa, teceu inúmeras críticas a ela. Se Garvey é considerado, muitas vezes, um profeta pelos rastafáris isso se deve à influência do etiopianismo tanto no garveyismo quanto no rastafarismo.

A atribuída divindade a Haile Selassie pelos rastafaris possui sua genealogia em uma controvertida profecia de Marcus Garvey e a própria coroação de Haile Selassie em 1930. A princípio Garvey acolheu bem a coroação de Selassie. No papel de presidente da UNIA, Garvey enviou um telegrama a Selassie cumprimentando-o pela coroação: “Cumprimentos dos Etíopes do Mundo Ocidental. Possa seu reinado ser pacífico, próspero e progressista. Vida longa a sua Majestade”. Esse telegrama foi publicado no jornal nova-iorquino da UNIA, *The Negro World* de 8 de novembro de 1930. Nesse mesmo dia, um artigo comentando sobre a coroação saiu no jornal jamaicano da UNIA, *The Black Man*:

No domingo passado, uma grande cerimônia aconteceu em Adis Abeba, a capital da Abissínia. Era a coroação do novo Imperador da Etiópia – Ras Tafari. Pelos relatos e expectativas, a cena era uma daquelas de grande esplendor, e será por muito tempo lembrada por aqueles que estiveram presentes. Várias das principais nações da Europa enviaram representantes para a coroação, portanto, pagando seus respeitos a uma nascente

nação negra que está destinada a exercer um grande papel na história futura do mundo. A Abissínia é a terra dos negros e nós estamos contentes em aprender que ainda que os europeus têm tentado inculcar nos abissínios que eles não pertencem à raça negra, eles têm aprendido a réplica de que eles são, e estão contentes de sê-lo.

Ras Tafari tem viajado para a Europa e América e, portanto, não é estranho à hipocrisia e aos métodos europeus, e do que nós entendemos e sabemos sobre ele, ele pretende introduzir métodos e sistemas modernos em seu país. Ele já começou a recrutar de diversas partes do mundo homens competentes em diferentes ramos da ciência para ajudar a desenvolver seu país para a posição que ele deve ocupar entre as outras nações do mundo.

Nós realmente esperamos que Ras Tafari viva muito para concretizar essas maravilhosas intenções. Pelo que ouvimos e o que sabemos, ele está pronto e desejando estender a mão para convidar qualquer negro que deseje se estabelecer em seu reino. Sabemos de muitos que foram à Abissínia e que têm dado boa informação das grandes possibilidades ali, das quais eles estão se empenhando em tirar vantagem.

O salmista profetizou que Príncipes viriam do Egito e a Etiópia estenderia as mãos cheias para Deus. Não temos dúvidas que o tempo agora chegou. Etiópia está agora realmente estendendo suas mãos. Este grande reino do Oriente tem estado escondido por muitos séculos, mas gradualmente ele está se levantado para tomar um lugar principal no mundo e nós da raça negra devemos auxiliar de todas as formas e apoiar a mão do imperador Ras Tafari.

Sobre o artigo acima, Rupert Lewis chamou a atenção para o fato de que os comentaristas se referem apenas ao último parágrafo, exagerando sua dimensão profética e religiosa, de um príncipe saindo do Egito e a Etiópia estendendo suas mãos para Deus (Salmo 68: 31), quando Garvey abordou diversas questões: as tentativas dos europeus de separar a Etiópia do resto da África;

presença europeia na coroação e seu impacto, a coroação como símbolo de orgulho negro, e, mais importante, a expressão de esperança de Garvey por um reinado baseado na modernidade dentro do sistema de solidariedade pan-africana (1998, p. 146). Por outro lado, Barry Chevannes recolheu testemunhos orais entre rastafaris que constituem mitos sobre as profecias de Garvey sobre Selassie:

Ele sempre passa sentimentos nos informando que haverá a coroação de um rei africano, mas nunca deu muitos detalhes. Ele falou em Edelweiss Park com um discurso aberto que existe um príncipe na África a ser coroado para o povo negro do mundo, e quando tal rei for coroado então o trabalho de Garvey estará terminado. Ele disse isso. Ele disse: “Quando o rei for coroado, meu trabalho estará terminado”. Então todo personagem munido sabe que ele é o precursor do rei, assim como ele estava no assunto internacional da igualdade dos negros e da redenção da África, dos 468 milhões de negros do mundo ocidental [...]

Era 1928, no Parque George VI ele olhou para os elementos e disse: “Ocês dizem que os elementos são azuis, eu digo proceis: tão preto como os elementos. Tão preto com o próprio Deus!” (CHEVANNES, 1994, p.126).

Contudo, se Marcus Garvey utilizava amiúde a retórica das igrejas e passagens bíblicas nos seus discursos, o seu pensamento era de natureza mais secular que religiosa, conforme se destacou anteriormente. Porém seus discursos muitas vezes assumiam um caráter híbrido em que as fronteiras entre os símbolos e mitos sagrados do Etiopianismo se confundiam com aquelas dos assuntos seculares:

Nós temos grandes esperanças na Abissínia no Oriente – o país que tem mantido sua tradição ainda voltada para os dias

de Salomão. Alguns de nossos peculiares sociólogos quando eles discutem a inteligência dos abissínios tentam fazer de conta que eles não são negros, mas todos de inteligência etnológica comum sabem que os abissínios são um povo negro, isso quer dizer, negro no sentido da interpretação do Negro. Eles são parte da grande raça africana que está para se erguer das desvantagens, ambientes e dificuldades para reaver a autoridade imperial que foi prometida por Deus em pessoa na inspiração: “Príncipes vindo do Egito e Etiópia estendendo suas mãos cheias” (*The Blackman*, 25/10/1930).

Por outro lado, Marcus Garvey nunca afirmou ser um profeta ou possuir poderes sobrenaturais, conforme também se destacou acima. E, por fim, quando o exército fascista italiano invadiu a Etiópia, em 1935, Garvey criticou severamente as ações de Selassie. Ele criticou a estratégica fuga de Selassie para a Inglaterra nos seguintes termos: “Haile Selassie é o governante de um país onde os negros são aprisionados e açoitados [...] Ele passará para a história como um grande covarde que fugiu de seu país” (Apud Rabelo, 2005). E conclamou os etíopes a lutarem mesmo sem a presença de seu líder:

Mas para continuar a luta deve haver real patriotismo. Deve haver real reconhecimento do negro abissínio. Ele não deve se envergonhar de ser um membro da raça negra. Se o fizer, ele será abandonado por todos os negros do mundo, os quais são orgulhosos de si mesmos. O novo negro não dá dois centavos pela linhagem de Salomão. Salomão morreu há muito tempo. Salomão era judeu. O negro não é judeu. O negro tem uma origem racial partindo de Sabá até o presente, da qual ele tem orgulho. Ele tem orgulho de Sabá, mas não tem orgulho de Salomão (*Black Man II*, Julho-agosto, 1936, p. 4).

Segundo Horace Campbell, Garvey também deplorava a dependência de Selassie nos consultores europeus (1994, p. 177). De fato, na revista *The Black Man II*, Garvey também criticou a

confiança de Selassie na Liga das Nações liderada por políticos brancos e seu isolamento em relação aos demais povos africanos:

Mussolini da Itália conquistou Haile Selassie, mas ele não conquistou os abissínios ou a Abissínia. O Imperador da Abissínia se permitiu ser conquistado por bancar o branco, por acreditar em consultores brancos e por confiar em governos brancos, incluindo a branca Liga das Nações... Se Haile Selassie tivesse educado os milhares de seus conterrâneos e conterrâneas, e os erguido ao status de cultura e conhecimento geral necessário à civilização, os italianos nunca se atreveriam a fazer uma ofensiva contra a Abissínia, porque a Abissínia poderia ter encontrado líderes ali mesmo competentes e prontos para expulsar o invasor. Mas isso não é tudo. Se Haile Selassie tivesse negociado a devida relação com centenas de milhões de africanos fora da Abissínia, nas Américas do Sul e Central, nos Estados Unidos, no Canadá, nas Índias Ocidentais, na Austrália, ele poderia ter tido uma organização de homens e mulheres prontos para servir, não só no desenvolvimento da Abissínia como uma grande nação negra, mas de repente para protegê-la de qualquer inimigo estrangeiro. Mas ele não tinha nenhum agente diplomático entre os negros em lugar algum e os poucos que ele nomeou eram para as cortes de nações brancas e eles eram principalmente brancos ou abissínios que eram casados com italianos e tinham grandes inclinações para com os brancos, os quais eles tentavam macaquear (*The Blackman*, 1936, p. 4).

No editorial acima, a alusão a uma organização negra com ramificações em diversos continentes de países, só poderia ser a UNIA, cujos membros aceitariam de bom grado estabelecer-se na Etiópia, dentro do seu projeto de repatriação africana. O tom de reprovação revela um ressentimento contra o imperador. Em contradição, há que se lembrar que, em 1928, o próprio Garvey e sua esposa viajaram a Genebra para sensibilizar os representantes da Liga das Nações para a causa africana

(Rabelo, 2005, p. 134). Além disso, segundo Rupert Lewis, os garveyitas constituíam uma “elite africana ocidentalizada”, isto é, defendiam a igualdade de direitos dos afrodescendentes, valorizavam a herança de uma primitiva civilização africana, mas também valorizavam as conquistas do mundo branco que os havia escravizado, enquanto negavam as afirmações e noções raciais de sua posição subalterna naquele mundo (1998, p. 146). De modo semelhante, Haile Selassie procurava manter as tradições culturais milenares etíopes, porém desejava introduzir os modernos sistemas de conhecimentos e métodos ocidentais para o progresso de seu país, em outras palavras, ele também valorizava as tradições africanas sem deixar de admirar as culturas ocidentais. Entretanto, mesmo diante dessas evidências de animosidades de Garvey contra Selassie, o mito da profecia de Garvey a respeito de um rei etíope redentor acabou se impondo entre os rastafaris.

Por fim, Rupert Lewis argumenta que o Garveyismo era um dos fundamentos ideológicos do movimento rastafari, porém, não se pode dizer que o movimento rastafari seja um produto do movimento Garveyita, ainda que alguns de seus fundadores tenham sido, inicialmente, Garveyistas (Lewis, 1998, p. 145-158).

Quando o jornal *The Daily Gleaner*, na primeira página de sua edição de 11 de novembro de 1930, noticiou a coroação de Selassie, alguns jamaicanos de orientação garveyista começaram a consultar as suas Bíblias para saber se aquele rei seria o mesmo de quem Garvey havia falado. Um grande número de textos confirmou as suspeitas. O livro de Revelação 5: 2-5, por exemplo, anunciava: “Vi também um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? [...] Todavia um dos anciãos me disse: Não chores; eis que

o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e seus sete selos” (Smith et al., 1997, p. 5-6).

As primeiras manifestações públicas do rastafarismo começaram a ser percebidas na Jamaica três anos após a coroação de Haile Selassie, quando Leonard Percival Howell começou a vender fotos do imperador Selassie e pregar sua divindade. Rupert Lewis, por sua vez, afirma que Howell era um Garveyista e um africanista antes de iniciar o culto rastafari, porém Garvey não permitia que ele vendesse as imagens de Selassie no Edelweiss Park (1998, p. 149-150).

Sobre a veracidade e o valor dessas profecias atribuídas a Garvey, o relatório produzido pela UWI-Mona em 1960, concluía:

A verdade possui dois níveis em fatos sociais. Existem eventos verdadeiros e existem afirmações sobre eventos verdadeiros. Afirmações acreditadas como verdadeiras são frequentemente e sociologicamente mais importantes do que aquelas que são verdadeiras. O que as pessoas acreditam ou afirmam enfaticamente, representa uma força social que não pode ser descartada por mera negação. Para os irmãos rastafaris de hoje, Garvey é um grande profeta, porém suas relações com os fundadores do movimento Rastafari entre 1930 e 1935 permanecem obscuras (SMITH et al., 1988, p. 5).

Portanto, não obstante Garvey fosse contrário ao rastafarismo, a apropriação de sua imagem e suas ideias pelos rastafáris constitui um caso de ressignificação que não inclui necessariamente valorizar a veracidade e autenticidade dos novos discursos e representações, mas enfatizar seus sentidos e sua força social.

Conclusão

O legado de Marcus Garvey, conforme se afirmou anteriormente, pode ser observado na influência que suas ideias tiveram sobre vários ativistas dos direitos civis das populações de ascendência africana. Segundo Rex Nettleford (1994, p. 309), Garvey

desenvolveu disciplina, educação, independência econômica, ação cultural e comércio internacional como modalidades de atualização na luta humana por sobrevivência e evitou o abraço de modelos utilizados por outras raças para sua própria mobilização e afirmação, desde que a humilhação do africano negro pelo auto-proclamado mundo civilizado era *sui generis* e requeria soluções forjadas pelos próprios negros em seu próprio interesse. Isto não o impediu de reconhecer paralelos e correspondências dos outros: ele estava claramente influenciado pelas táticas empregadas por outros, sem nunca perder o profundo compromisso de liberação negra pela experiência negra e pelo esforço do povo negro.

O professor Nettleford chamou a atenção para as críticas infundadas sobre Robert A. Hill, quando este último escreveu sobre a influência irlandesa no pensamento de Garvey, e foi interpretado como se ele tivesse a intenção de negar a originalidade do pensamento de Garvey (Ibidem, p. 309). Contudo, pelo que se pode observar na análise deste capítulo, o Garveyismo como uma doutrina nacionalista e pan-africanista recebeu diversas influências jamaicanas e externas, seja no aspecto político, social, cultural, religioso etc. Nos movimentos contestadores, as imagens e representações costumam enfatizar as diferenças e a originalidade frente aos grupos considerados opressores. Todos os movimentos sociais jamaicanos anteriores ao Garveyismo, por sua origem jamaicana e caribenha traziam em si o hibridismo cultural que caracteriza aquela sociedade.

O Garveyismo exaltava as civilizações egípcia e etíope para contrapor o discurso da barbárie imposto pelo pensamento ocidental aos povos africanos, procurando demonstrar que o berço das civilizações se encontrava na África Setentrional ou Saariana. Essa postura revela a influência do pensamento ocidental no interior do movimento. O racionalismo ocidental não era negado. O que era contestado era sua exclusividade aos povos de ascendência caucasóide, a noção de que os povos africanos e seus descendentes eram incapazes de pensar segundo esses paradigmas ocidentais.

Embora a natureza do movimento garveyista fosse mais laica que religiosa, a “reforma” religiosa proposta pelo movimento da representação imagética de Deus e sua corte de santos como “negros” foi considerada uma heresia, chocando até mesmo as demais lideranças afro-americanas pelos direitos civis nos EUA. Todavia, a organização dessa Igreja se aproximava mais da Igreja Católica e da Igreja Ortodoxa Grega do que propriamente da Igreja Copta Etíope.

Do mesmo modo, a influência do etiopianismo no garveyismo e no rastafarismo, o desejo comum de repatriação africana e as supostas profecias de Garvey sobre Haile Selassie fizeram com que Garvey seja ainda considerado um profeta entre os rastafáris, mesmo que Garvey não demonstrasse simpatia a Selassie e ao rastafarismo.

O garveyismo também foi importante para o surgimento da Renascença do Harlem, para a descolonização africana e para o surgimento do Movimento Black Power, para as lutas de Martin Luther King, Malcolm X, dos Panteras Negras etc. Suas ideias continuam vivas não só no interior do rastafarismo, haja vista que a UNIA ainda continua ativa nos EUA e na Jamaica, tentando fazer cumprir os ideais de redenção da raça e libertação do continente africano dos vestígios da colonização.

Em Washington D.C. também existe um Instituto Amy Jacques Garvey de assistência a jovens afrodescendentes da capital.

Contudo, se o garveyismo rejeita a ideia de uma supremacia racial branca e europeia, ele se organiza segundo os moldes desse pensamento europeu. Seu ataque ao colonialismo europeu na África serviu de estímulo à luta pela descolonização. Enfim, a maior importância do Garveyismo, talvez tenha sido de incentivar o autoconhecimento, auto respeito e orgulho racial de diversas populações da Diáspora africana.

Notas

¹ UNIA, *UNIA Manifesto*. Kingston, 1º de agosto 1914. Library of Congress, Booker T. Washington MSS.

² Robert Mussa Moton Papers, Hollis Burke Frissell Library, Tuskegee Institute, Tuskegee, Alabama, USA.

³ Cf. Tony Martin (ed.) *African Fundamentalism: a literary and cultural anthology of Garvey's Harlem Renaissance*. Dover, Massachusetts: The Majority Press, 1991.

⁴ National Archives in Washington, File 19840.

⁵ Cf. também Robert A Hill, “Boundaries of Belonging: Essay on Comparative Caribbean Garveyism”; Marc C. McLeod, “‘Sin dejar de ser cubanos’: Cuban Blacks and the Challenges of Garveysim in Cuba”; Frank A. Guridy, “‘Enemies of the White Race’: The Machado State and the UNIA in Cuba”; Humberto García Muñiz e Jorge L. Giovanetti, “Garveyismo y Racismo en el Caribe: El caso de la población cocola en la República Dominicana” e Reinaldo L. Román, “Scandalous Race: Garveyism, the Bomba, and the Discourse of Blackness in 1920s Puerto Rico” in *Caribbean Studies*, San Juan: Instituto de Estudios del Caribe, Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Puerto Rico, 2003, vol. 31, nº 1, jan-jun, special issue: Garveyism and the Universal Negro Association in the Hispanic Caribbean.

⁶ O etiopianismo era uma ideologia de orgulho racial com fortes conotações religiosas, desenvolvida entre os escravos dos norte dos Estados Unidos que recebiam educação de seus senhores e eram expostos à leitura da Bíblia, a qual fazia várias referências aos etíopes. Desde o século VIII a.C. os escritores gregos se referiam às pessoas de pele escura como “etíopes”. Desse modo, o termo se tornou uma referência frequentemente usada pelos europeus para

descrever pessoas ou povos africanos. Essa identificação racial servia para contradizer a pretensa superioridade racial dos senhores sobre os escravos, uma vez que a Etiópia era um país africano que possuía várias menções favoráveis na Bíblia, como por exemplo, o Salmo 68, versículo 31. (RABELO, 2005. P. 113-118). O crescimento do etiopianismo na Jamaica, a partir de 1896, esteve associado à derrota das forças italianas que tentavam invadir a Etiópia. Pela primeira vez, na história moderna os africanos haviam derrotado uma força europeia na guerra (SCOTT, 1993, p. 21). Cf. também S.K.B. Asante, *Pan-Africanism Protest: West Africa and the Italo-Ethiopian Crisis 1934-1941*. London: Longman, 1977.

⁷ Cf. também Len Garrison, “Back to Africa: the idea of return and structural migration as a response to cultural and economic deprivation of the Jamaican society”, Kingston: UWI-Mona, 1975 (Mimeo).

⁸ Coon: termo pejorativo usado nos EUA para as pessoas afro-americanas. A expressão originou-se da prática de usar cães de caça treinados para atormentar “coons” (raccoons ou guaxinins) e para perseguir escravos fugitivos.

⁹ Cf. também Amy Jacques Garvey & E.U. Essien-Udom (eds.) *More Philosophy and opinions of Marcus Garvey*, London: Frank Cass, 1987, vol. III, p. 140; Rupert Lewis, *Marcus Garvey: Anti-Colonial Champion*. London: Karia Press, 1987, p. 169; James H. Cone. *For my People: Black Theology and the Black Church*. Maryknoll, New York: Orbis Books, 1984, p. 206-7; Tony Martin (ed.) *The Poetical Works of Marcus Garvey*. Dover, Mass.: The Majority Press, 1983, Vol. I, p. 94 e Tony Martin (ed.) *Marcus Garvey: Message to the People: The Course of African Philosophy*. Dover, Mass.: The Majority Press, 1986, p. 52.

Referências

BLYDEN, Edward W. *Christianity, Islam and The Negro Race*. 2nd ed. London: W.B. Whittingham, 1888.

_____. *The Elements of Permanent Influence*. Washington: R. L. Pendleton Printer, 1890.

CAMPBELL, Horace. Garveyism, Pan-Africanism and African Liberation in the Twentieth Century. In: LEWIS, Rupert & BRYAN, Patrick (ed.). *Garvey: his work and impact*. New Jersey; Africa World Press, 1994, p. 167-188.

CHEVANNES, Barry (Alston Barrington Chevannes). “Garvey’s

- Myths among the Jamaican People”. In: LEWIS, Rupert & BRYAN, Patrick (ed.) *Garvey his work and Impact*. 2nd ed. Trenton, N.J.: Africa World Press Inc, 1994, p. 123-131.
- CLARKE, John; GARVEY, Amy Jacques. *Marcus Garvey and The Vision of Africa*. New York: Vintage Books, 1974.
- CRONON, E. David. *Black Moses: the story of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1969.
- DEFENDER, Chicago, 14 mai., 1921.
- FORD-SMITH, Honor. “Women in the Garvey Movement in Jamaica” in LEWIS, Rupert; BRYAN, Patrick (ed.) *Garvey his work and Impact*. 2nd. Trenton, N.J.: Africa World Press Inc, 1994, p. 73-83.
- GARVEY, Amy Jacques (ed.) *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*. 2nd Ed. London: Frank Cass & Co. Ltd, 1967.
- _____; ESSIEN-UDOM (eds). *More Philosophy and opinions of Marcus Garvey*, London: Frank Cass, 1987, vol. III.
- GARVEY, Marcus. Letter to Major Robert Russa Moton. Kingston, 19/02/1916. In: Robert Mussa Moton Papers, Hollis Burke Frissell Library, Tuskegee Institute, Tuskegee, Alabama, USA.
- GRANT, Colin. *Negro with a Hat, The Rise and Fall of Marcus Garvey and his Dream of Mother Africa.*, London: Jonathan Cape, 2008.
- HARPELLE, Ronald. “Cross Currents in the Western Caribbean: Marcus Garvey and the UNIA in Central America”. In *Caribbean Studies*. San Juan: Instituto de Estudios del Caribe, Facultad de Ciências Sociais. Universidad de Puerto Rico, 2003, vol. 31, n° 1, jan-jun., p. 35-73.
- HEELAN, William A.; HELF, J. Fred. *Every Race Has a Flag but the Coon*. New York: Jos. W. Stern & Co, 1900.

HOLLOWAY, Diane; CHENEY, Bob. *American History in Song: Lyrics from 1900 to 1945*. Lincoln, NE: iUniverse.com, Inc., 2001.

HOOVER, Edgar J. Memorando para Sr. Ridgelgyr. Washington, 11/10/1919. National Archives in Washington, EUA, File 19840.

JULIEN, Nadia. *Dicionário dos símbolos*. (trad. Luiz Roberto Seabra Malta e Margareth Fiorini). São Paulo: Rideel, 1993.

LERNER, Gerda (ed.). *Black Women in White America: A Documentary History*. New York: Randon House, 1973.

LEWIS, Rupert. *Marcus Garvey: Anti-Colonial Champion*. London: Karia Press, 1987.

_____. Marcus Garvey and the Early Rastafarians: Continuity and Discontinuity. In: MURREL, Nathanael Samuel, SPENCER, William David e McFARLANE, Adrian Anthony. *Chanting Down Babylon: The Rastafari Reader*. Temple University Press, 1998, p. 145-158.

NKRUMAH, Kwame. *The Autobiography of Kwame Nkrumah*. New York: Thomas Nelson and Sons, 1957.

OTTLEY, Roi. *New World A-Coming: Inside Black America*. Boston: Houghton Mifflin, 1943.

PORTER, Philip. "The Religious Thought of Marcus Garvey" In: LEWIS, Rupert & BRYAN, Patrick (ed.) *Garvey his Work and Impact*. 2nd ed. Trenton, N.J.: Africa World Press Inc, 1994, p. 145-163.

POST, Ken. *Arise Ye Starvelings*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1978.

RABELO, Danilo. Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica (1930-1981). Brasília: UnB, 2005, (Tese de Doutorado em História).

THE BLACK MAN. (Jornal) Kingston, 17 mai., 1929.

THE BACK MAN II (Revista). London, Jul-Ago, 1936.

THE DAILY GLEANER. Kingston, 21 Mar., 1921.

THE NEGRO WORLD, New York, 23 Abr., 1921.

_____. New York, 4 Jun., 1921.

_____. New York, 1º out., 1921.

_____. New York, 6 jun., 1925.

_____. New York, 28 fev., 1927.

_____. New York, 19 mar., 1927.

_____. New York, 8 nov., 1930.

UNIA, *UNIA Manifesto*. Kingston, 1º de agosto 1914. Library of Congress, Booker T. Washington MSS.

_____. 1920 Declaration of Rights of Negro Peoples in The World. In: VAN DEBURG, William L. (ed.) *Black Nationalism: from Marcus Garvey to Louis Farrakhan*. New York/London: New York University Press, 1997, p. 24-31.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (trad. Regis Barbosa e Karen Elsab Barbosa). Brasília: UnB, 1991, vol. I.

_____. *Ciência e Política: duas vocações*. (trad. Manoel T. Berlinck). 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.